



CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA
Gabinete Vereador Marcos Aurélio Bezerra Gomes

REQUERIMENTO Nº 5591 / 2013

Requer o registro nos Anais desta Augusta Casa Legislativa, matéria publicada no jornal Diário do Nordeste edição de 16 de dezembro de 2013, intitulada "Dama Antonieta".

EXMO. SENHOR PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA:

O Vereador abaixo assinado, do PSC – Partido Social Cristão, no uso de suas atribuições legais e na forma regimental requer de V. Ex^a, após ouvido o Plenário, seja registrado nos Anais desta Augusta Casa Legislativa, matéria publicada no jornal Diário do Nordeste edição de 16 de dezembro de 2013, intitulada "**Dama Antonieta**", de autoria da jornalista Mayara de Araújo, que conta a trajetória de vida da atriz Antonieta Noronha

Foi funcionário da Prefeitura de Fortaleza, recepcionista, faxineira.

No palco atuou somente uma vez como protagonista, no cinema ganhou prêmios, e ainda se emociona em dizer que, no filme "Central do Brasil" teve o mesmo tratamento que Fernanda Montenegro.

Requer ainda seja dado conhecimento do inteiro teor deste requerimento para:

Jornalista Mayara Araújo

Praça da Imprensa S/N Dionísio Torres

CEP: 60135 – 900 Fortaleza – CE.

DEPARTAMENTO LEGISLATIVO DA CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA,
EM 17 DE DEZEMBRO DE 2013.

Marcos Aurélio Bezerra Gomes
Vereador - PSC

DEPTO. LEGISLATIVO

RECEBIDO

RUA DR. THOMPSON BULCÃO, 830, GABINETE 10 ENGº LUCIANO CAVALCANTE
CEP.: 60.810-460 FORTALEZA-CE FONE.: 85 34448362

17 DEZ. 2013

30.16 n.º de fls. 01
Servidor

Dama Antonieta

Atriz Antonieta Noronha nos recebe em sua casa e revisita em memória seus 50 anos de carreira

Aqueles que teimam em tentar traçar um perfil de "quem faz teatro" - gênero, cor, classe social, grau de instrução - desistem ao deparar-se com exceções como Antonieta Noronha. Mulher, branca, já idosa; primeiro grau incompleto, católica ("mas não carola", ressalva), mãe de duas filhas; mora sozinha, contudo, contando com o auxílio das vizinhas.



No portão da casinha em que vive há 10 anos, a atriz posa para fotografia ao lado de Lucilene Sousa, sua vizinha e "ano da guarda", como define fotos: Jl rosa

O sustento nunca veio do teatro, o cachê irrisório. Foi funcionária da Prefeitura de Fortaleza, recepcionista, faxineira - vida humilde, apesar da infância e adolescência em família abastada. No palco, sente-se dama, acalentada pelos aplausos, mas apenas uma vez foi protagonista. Fez pontas, papéis coadjuvantes - samaritanas, prostitutas, lavadeiras, a ralé. O teatro de base, teatro-tijolinho, que segura a construção da obra.

Pelo cinema, descoberto já na maturidade, viajou, ganhou prêmios, e ainda se emociona em dizer que, em "Central do Brasil" (1998), de Walter Salles, dedicaram-lhe o mesmo tratamento que deram à protagonista Fernanda Montenegro. E traz na empolgação da voz já vacilante um contentamento que transborda pelos buracos das telhas gastas do pequeno quarto-e-sala em que vive.

Encontro

Estando na Rua Confúcio Pamplona, no bairro Benfica, não tem erro. Qualquer casa em que bater, basta perguntar onde vive Antonieta, a atriz. Logo indicam a viela, protegida por um portão de ferro. Ao longe, alguém sinaliza: "chegaram, Tieta!".

Encontro uma Antonieta corada, bem disposta, sentada numa cadeira de plástico ao corredor. Ali mesmo ela me conta sua história. Os pais biológicos são de Manaus. A mãe a entregou para ser criada por uma família de Sobral. No município, permaneceu até os 14 anos, quando os Adyr Gomes se mudaram para Fortaleza.

Por volta dos 18 anos, passou a se interessar por música, pelas cantoras do rádio. "Eu estudava canto numa salinha pequena, tinha uma pianista e o Álvaro Moreno (cantor lírico e professor de canto). Ai todo dia vinha uma senhora, Dona Branca, que ficava me observando. Ela achava que todo mundo cantava por cantar, mas, nas árias, eu dava outra conotação. Era como se estivesse em um palco, representando. E um dia ela me perguntou: 'Você não tem vontade de fazer teatro?' Eu não sabia nem o que era teatro!", conta.

E Dona Branca falou de uma sobrinha que trabalhava na universidade e que era muito amiga do diretor do curso de teatro: B. de Paiva. "Ai eu disse: 'eu não sei se vou dar pra essas historinhas, mas tá bem, vamos tentar'".

Por ter apenas até a sétima série do Ensino Fundamental, Antonieta estudou na Escola de Arte Dramática como ouvinte. Ao longo do curso, no entanto, já fazia participações em espetáculos. Estreia em 13 de dezembro de 1963, na

Concha Acústica.

Por meio de B. de Paiva, a atriz conheceu Haroldo Serra e a Comédia Cearense, com a qual trabalhou por 28 anos. "Ele me aproveitava como figurante e atriz coadjuvante. Nunca tive problema com isso, tudo o que eu fizesse estava feliz. Foram anos muito gratificantes", revela.